

Resenhas

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de — *Obras científicas, políticas e sociais*.
Coligidas e reproduzidas por Edgard de Cerqueira Falcão, 1963, 3 vol., 1480 pp.

Comentando, há algum tempo, o aparecimento de pequeno volume reunindo alguns dos *Escritos políticos* do Patriarca da Independência, lembrávamos o quanto estava fazendo falta uma *Bonifaciana* que reunisse, senão tudo, pelo menos o que de mais importante escreveu o grande Andrada nos vários setores da cultura pelos quais se interessou, e que vão desde a mineralogia até a economia, da política à pedagogia, da história à poesia. E na mesma ocasião dizíamos saber que o sr. Edgard de Cerqueira Falcão preparava uma edição da *Opera omnia* andradina, a ser lançada em breve. Graças à nímia gentileza do erudito autor de "Relíquias da Bahia", podemos dizer, agora, que a *Bonifaciana* chegou... e veio muito mais valiosa e rica do que poderíamos imaginar, a traduzir aquele carinho e aquela dedicação, aquele cuidado e aquele toque de bom gosto que Edgard de Cerqueira Falcão sabe pôr em todos os trabalhos que empreende.

Os três grandes volumes compreendendo as *Obras científicas, políticas e sociais* de José Bonifácio, edição monumental comemorativa do bicentenário de seu nascimento, transcorrido a 13 de junho de 1963, representam, não apenas a grande homenagem da cidade de Santos ao maior dos seus filhos, mas a mais expressiva e duradoura das comemorações prestadas àquele que foi, sem dúvida, o maior homem de seu tempo, talvez o maior gênio político de nossa história e certamente uma das grandes expressões da cultura americana de todos os tempos. Em longo prefácio explica o organizador da edição a tarefa de que foi incumbido pela municipalidade santista, na qual se empenhou de corpo e alma, sem desfalecimento, até vê-la definitiva e completamente concluída. A longa e exaustiva pesquisa realizada por Cerqueira Falcão para reunir o que Bonifácio escrevera em revistas especializadas da Europa, resultou numa contribuição das mais valiosas para a história da ciência brasileira. Quem o atesta não é apenas o organizador da obra — e sua opinião seria suficiente, tal o sentido de seriedade e probidade intelectual que costuma imprimir aos seus trabalhos. Não. Quis mais o sr. Falcão. Submeteu as contribuições científicas de José Bonifácio que não são de sua especialidade (a mineralogia e a geologia) à análise severa de grandes especialistas brasileiros, rogando-lhes que emitissem suas opiniões quanto à atualidade e ao valor de todas elas. Unânimemente atestaram todos o cabedal extraordinário das observações de Bonifácio, feitas dentro das condições e dos recursos da época, com absoluta exatidão, permanecendo válidos até o momento os dados originais que aduziu.

O primeiro volume reúne dezessete trabalhos científicos (entre originais e traduções), todos eles reproduzidos fac-similarmente, o que dá à obra um cunho de inigualável autenticidade. Entre esses trabalhos, destacamos a memória sobre a pesca da baleia, publicada originalmente pela Academia Real das Ciências de Lisboa em 1790, a memória sobre os diamantes do Brasil, nas versões francesa e inglesa, aquela publicada em Paris, nos "Annales de Chimie", e esta no "Journal of Natural Philosophy", de Londres, ambas no ano de 1792, e o relato da viagem mineralógica pela província de São Paulo, dado igualmente na versão francesa dos "Journal des voyages" de 1827 e na versão brasileira, publicada no Rio de Janeiro em 1846.

Terminada a seleção das memórias científicas, tratou Cerqueira Falcão de obter o material relativo às contribuições políticas e sociais, conseguindo reunir peças originais extremamente raras existentes no Arquivo do Rio de Janeiro e na Biblioteca Nacional, peças todas reproduzidas também em fac-símile nos outros dois volumes desta riquíssima bonifaciana.

Abre-se o segundo volume com erudita introdução de José Honório Rodrigues sobre o pensamento político e social de José Bonifácio (excelente prefácio, pois situa o Andrada no panorama da cultura brasileira de seu tempo) a uma série de trabalhos que vão desde peças de circunstância, como as justificativas de numerosos atos de governo e a correspondência diplomática, até a representação sobre a escravatura ou o manifesto de 6 de agosto, este notável documento "feito ao mesmo tempo com o coração e o cérebro", como dele disse Otávio Tarquínio de Souza, assinado por D. Pedro, mas de autoria incontestemente de José Bonifácio. Enérgico, vibrante, excessivo talvez — lembra ainda o saudoso historiador — "nêle se expande sem reboços a revolta brasileira contra o que houvera de mais opressivo nos três séculos de dominação colonial". Nêle, pela primeira vez, o Brasil fala de igual a todas as nações livres. Quanto à representação sobre a escravatura, que deveria ser apresentada à Assembléia Constituinte quando esta foi dissolvida, foi redigida com tal eloquência e tal autoridade decorrente da enorme soma de conhecimentos e experiências, que não poderia deixar de infundir algum proveito ao Brasil, mas que, parece, custou caro ao seu autor, pois não é sem propósito atribuir o desprestígio em que caiu Bonifácio logo após a independência, às suas idéias emancipacionistas, as quais, naturalmente, chocaram-se com os interesses da aristocracia agrária sob cuja égide se estruturava o nascente Império. Figuram, ainda, neste volume, entre outras coisas, as representações de 1821 ao então príncipe-regente, o futuro Pedro I, e que tiveram decisiva influência na sua resolução de permanecer no Brasil, movimento por assim dizer preparatório de outro, de maior vulto, que levou à jornada de 7 de setembro.

O terceiro volume tem início com excelente estudo de Francisco de Assis Barbosa sobre o papel de José Bonifácio no movimento da independência e é em grande parte consagrado à reprodução fac-similar de documentos pessoais de interesse para a vida e a obra do Andrada Ilustre. O mais antigo é a sua carta de Bacharel em Filosofia pela Universidade de Coimbra, datada de 8 de julho de 1788 e o último é a cópia do diário clínico de seus médicos assistentes e relativo aos derradeiros dias de sua existência. Quarenta e dois documentos assinalam notoriamente o meio século em que o grande vulto atuou, na Europa e no Brasil, como "homem de pensamento e de ação" que sempre foi. Completam este terceiro volume artigos de Antônio de Almeida Prado sobre a enfermidade de José Bonifácio, de Carlos H. Liberalli (um dos eficientes colaboradores de Cerqueira Falcão na organização desta obra) sobre "Werner, o mestre de José Bonifácio", e os elogios póstumos de Emílio Joaquim da Silva Maia na Academia Imperial de Medicina no mesmo ano de seu falecimento, e o de Latino Coelho, quarenta anos mais tarde, na Real Academia das Ciências de Lisboa. Para o grande escritor português, "teve José Bonifácio todas as fortunas que lisongeiavam a ambição, todas as contradições com que se fortalece o desengano. Teve a idolatria das multidões e a perseguição dos inimigos; o favor das coroas e a ingratidão dos potentados; a estátua e o exílio".

Com exceção das obras literárias, aqui temos, pois, uma *Bonifaciana* completa na parte referente à sua produção científica, política e social. Os três volumes organizados por Edgard de Cerqueira Falcão totalizam quase mil e quinhentas páginas, sendo de salientar-se, como já o frisamos, que todos os trabalhos do grande Andrada são reproduzidos em fac-símiles. Permanecerão eles o *aere perennius* que, mais do que o bronze, para lembrar as palavras de Horácio, atestarão o reconhecimento que a cidade de Santos, ao ensejo do bicentenário andradino, tributou ao seu inclito filho e nos quais o sr. Cerqueira Falcão pôs toda a sua dedicação e todo o zelo que já nos habituamos a ver em outros trabalhos de sua lavra. — ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

MACHADO DE ASSIS, *Dom Casmurro*, tradução russa de T. Ivanova, com prefácio de Ina Terterian, *Goslitizdat* (Editora Literária Estatal), Moscou, 1961, 318 pp.

A literatura brasileira tem sido objeto, nos últimos anos, de considerável interesse na União Soviética. É verdade que o critério da seleção das obras nem sempre nos parece muito seguro, mas, assim mesmo, de quando em quando se traduzem os livros realmente significativos. Aliás, é preciso levar em conta que em outros países, que há muito mais tempo mantêm relações culturais com o Brasil, a seleção das obras freqüentemente também deixa muito a desejar.

Machado de Assis é conhecido na U.R.S.S. por referências em trabalhos especializados, de pouca divulgação, mas também pela publicação, em 1959 (*Goslitizdat*), de três contos numa antologia do conto brasileiro: "Missa do galo", "Anedota pecuniária" e "Pal contra mãe" (é o autor que figura no livro com a participação mais extensa). Naturalmente, a publicação do romance *Dom Casmurro* contribui para aproximar o leitor russo do mundo machadiano.

Ina Terterian, autora do Prefácio, é bem conhecida em seu país como divulgadora da literatura brasileira, sobre a qual já escreveu muitos ensaios e, ainda recentemente, o livro *O romance brasileiro do Século XX (Brasilski roman XX veka, Editora Nauka — Ciência — 1965)*.

No texto em questão, ela estabelece uma diferenciação categórica, na crítica machadiana brasileira, entre uma "crítica reacionária", que "busca apresentar Machado como um cético sombrio, que odiava e não compreendia a vida" e uma "crítica progressista", cujos representantes "apreclam o escritor pela criação de um quadro verídico e acusador da realidade de seu tempo". Semelhante divisão nos parece bastante esquemática, mas não é isto o que mais interessa examinar no momento, e sim a maneira pela qual se tratou o texto de Machado, a partir dessa premissa.

No Prefácio, pode-se ler: "Das páginas no romance *Dom Casmurro*, erguem-se ante o leitor a rua de Matacavalos, seus antigos palacetes com baixos-relevos em estuque (1) e as choças dos miseráveis, que morrem de doenças e de fome". Evidentemente, trata-se de uma alusão ao episódio do leproso, desenvolvido a partir do Cap. LXXXIV. O quadro apresentado por Machado comporta esta alusão às "choças dos miseráveis", pois se tratava de "uma loja de louça, escassa e pobre". E a visão sinistra do cadáver do leproso na cama é acompanhada de pinceladas rápidas e essenciais como esta: "... à porta da alcova duas crianças olhavam espantadas para dentro, com o dedo na boca" (Cap. LXXXV). Mas o episódio, que é magnífico, está pedindo tratamento um pouco mais desenvolvido, que marque a dialética, evidente no texto, entre a vida e a morte, entre a realidade sinistra e a hipocrisia dos que prosseguem nos seus afazeres, e têm na morte de um amigo apenas um "pretexto honesto", como sucede a Bento no Cap. LXXXVIII, ou trazem à mente a imagem das violetas que, "para terem um cheiro superior, hão mister de esturme de porco" (Cap. XCII). Evidentemente, porém, um Prefácio de nove páginas, e que trata da obra de Machado em conjunto, não permite semelhante desenvolvimento.

(1) No texto de Machado, fala-se em «pintura do teto e das paredes» (Cap. II).